

| | | |
|------|--|------------------------|
| 2025 | Matilha | Performance |
| 2025 | Matilha | Instalação |
| 2024 | O jardim | Teatro |
| 2024 | O jardim | Pesquisa |
| 2023 | Supermercado | Instalação |
| 2023 | Distância de segurança | Teatro |
| 2023 | Distância de segurança | Instalação |
| 2023 | Piloto | Teatro |
| 2022 | Miragem - discursos sobre o fim | Exposição individual |
| 2022 | Miragem - discursos sobre o fim | Edição |
| 2022 | Paisagem-Miragem | Mediação / Performance |
| 2022 | Hair | Instalação |
| 2022 | A perturbação do cidadão exemplar | Teatro |
| 2021 | Furar a Neve | Cinema |
| 2020 | Haiku extended | Performance |
| 2019 | U - A educação de um ditador | Teatro |
| 2019 | Haiku | Instalação |
| 2019 | There is something about the air | Instalação-performance |
| 2018 | O espetáculo mais contemporâneo do mundo | Performance + Teatro |

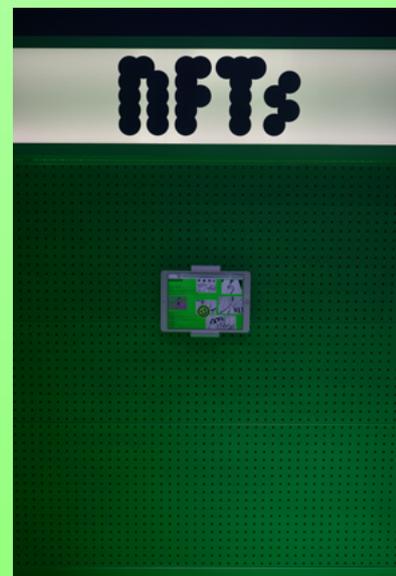
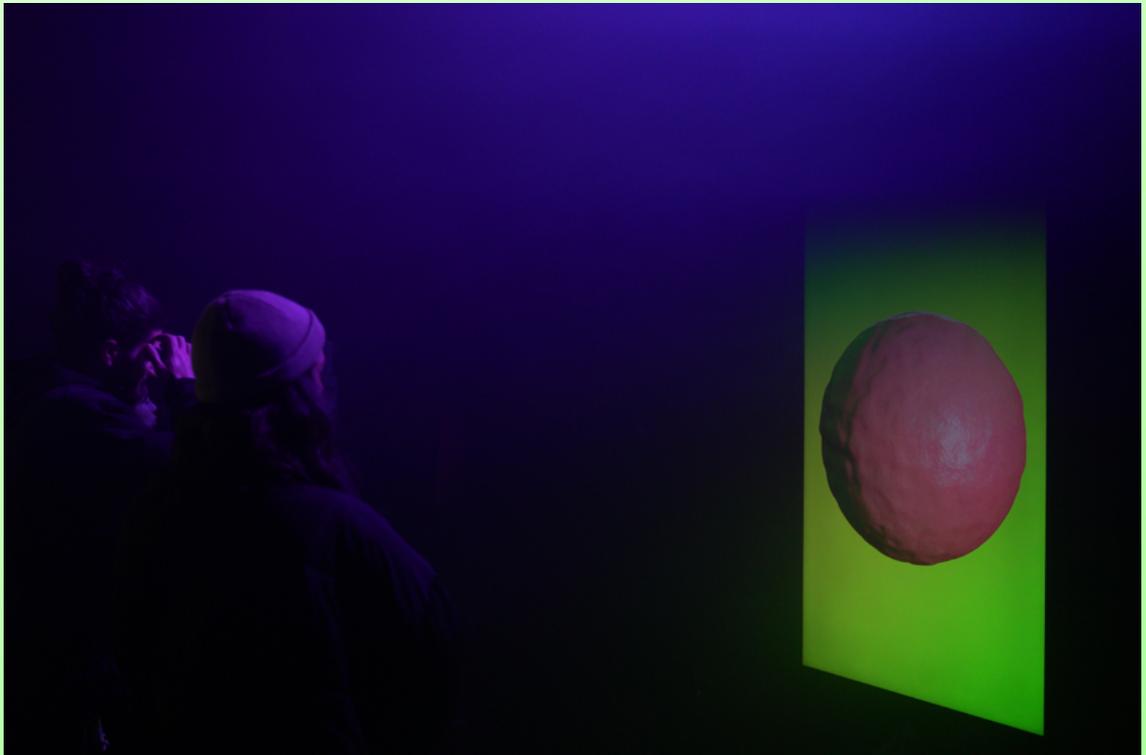
| | | |
|------|--|------------------------|
| 2025 | Matilha | Performance |
| 2025 | Matilha | Instalação |
| 2024 | O jardim | Teatro |
| 2024 | O jardim | Pesquisa |
| 2023 | Supermercado | Instalação |
| 2023 | Distância de segurança | Teatro |
| 2023 | Distância de segurança | Instalação |
| 2023 | Piloto | Teatro |
| 2022 | Miragem - discursos sobre o fim | Exposição individual |
| 2022 | Miragem - discursos sobre o fim | Edição |
| 2022 | Paisagem-Miragem | Mediação / Performance |
| 2022 | Hair | Instalação |
| 2022 | A perturbação do cidadão exemplar | Teatro |
| 2021 | Furar a Neve | Cinema |
| 2020 | Haiku extended | Performance |
| 2019 | U - A educação de um ditador | Teatro |
| 2019 | Haiku | Instalação |
| 2019 | There is something about the air | Instalação-performance |
| 2018 | O espetáculo mais contemporâneo do mundo | Performance + Teatro |

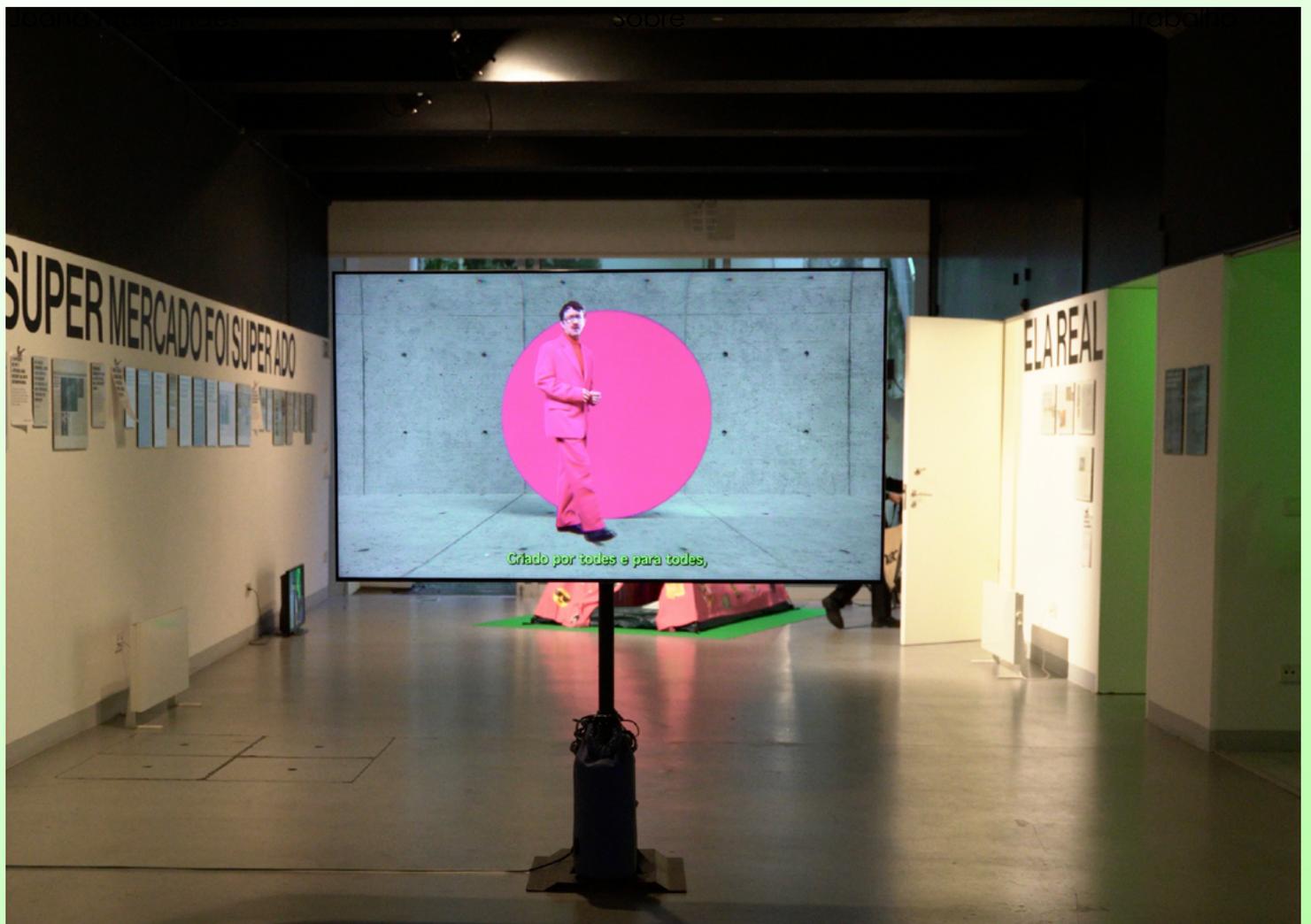
Supermercado
Instalação-performance
Dez 2023, Mala Voadora Porto
projeto financiado pela DGArtes e vencedor da bolsa Artistas DOURO 2023

Direção artística: Joana Magalhães
Ilustração: Maria Trama e Rita Comedida
Modelação 3D: Daniel Assunção e Nelson Duarte (Girina Studio)
Web design e especialista NFT: Francisco Quintas (Cosmic Burger)
Design gráfico: Diana Ferreira

Produção executiva: Susana Paixão
Execução de cenografia: Cristóvão Neto
Apoio à residência: CCVF - Centro de Residências de Candoso e
Circolando - Central Elétrica, Crl
Apoio à produção Plataforma UMA
projeto financiado por:
República Portuguesa - Direção Geral das Artes e
Mala Voadora - Bolsa Artistas DOURO

SUPERMERCADO foi um dispositivo criado para o espaço da Mala Voadora Porto, resultante da exploração da tríade arte-valor-tecnologia. Resultou na apresentação de uma exposição, duas peças de video-arte, um mapa, duas instalações e uma coleção de NFT's que se desdobra numa BD e numa coleção de postais.







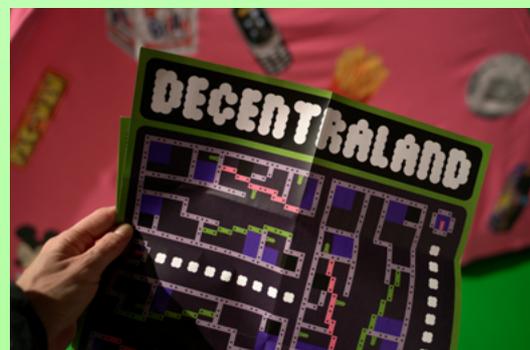
SUPERMERCADO apresenta:

1- INCLUSÃO

vídeo criado para o espetáculo PILOTO, da Plataforma UMA, expropriado por Joana Magalhães

Intérprete: José Capela

Edição de vídeo: Vasco Mendes



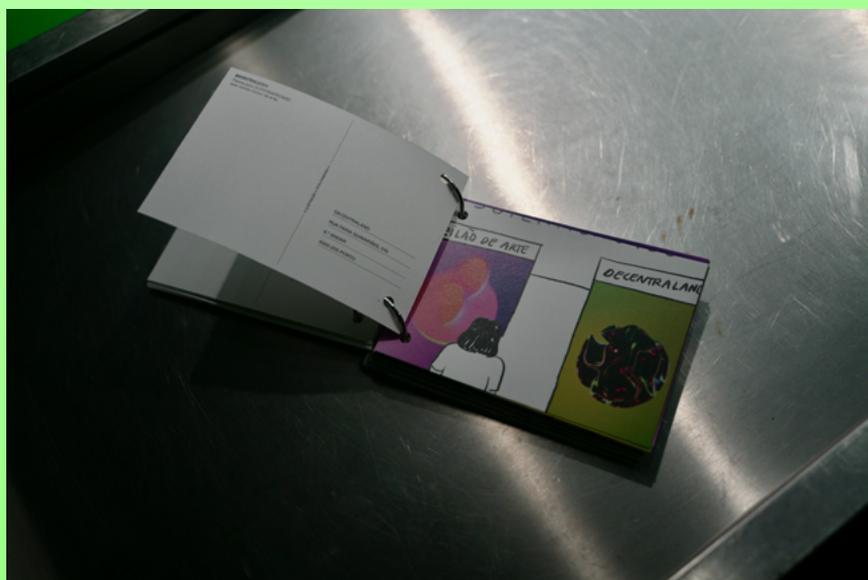
2 - REAL IDADE

Vinyl autocolante sobre parede; notícias expropriadas do Jornal Público referentes ao caso dos nfts, entre 2021 e 2023; vídeo expropriado de um magnata méxico-americano
Concepção: Joana Magalhães

3 - CASA

tenda Quechua de tecido estampado com imagens apropriadas/ roubadas/ expropriadas de marcas famosas, símbolos do capitalismo e do extrativismo colonial; livros expropriados da artista; vídeo expropriado da plataforma Super Rare, contendo a entrevista à artista digital Krista Kims

Concepção: Joana Magalhães





4 - SUPERMERCADO
ready made expropriado da fábrica Avedol; vídeos expropriados do youtube; arte não- visível expropriada do Museum of Non-visible Art; coleção de NFT's com o nome DECENTRALAND
Concepção: Joana Magalhães
Construção: Cristóvão Neto
Produção: Susana Paixão
Design Gráfico: Diana Ferreira
NFTS: Daniel Assunção e Nelson Duarte (Girina Studio), Maria Morais e Rita Comedida
Web design e especialista NFT: Francisco Quintas (Cosmic Burger)



5 - EXIT THROUGH THE GIFT SHOP

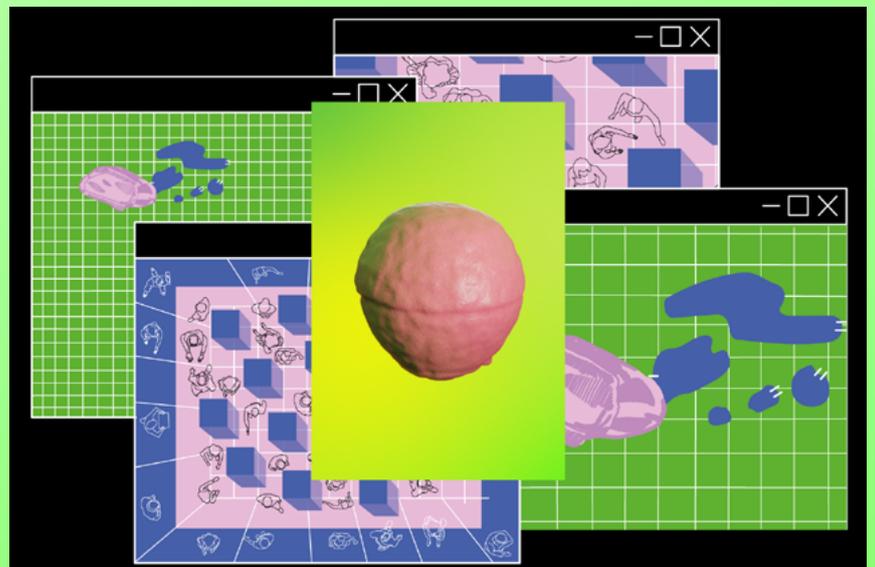
postais e expositor de postais; título expropriado do filme Exit through the gift shop, sobre a obra do artista e ativista Banksy, que é também uma crítica mordaz à mercantilização da arte.

Concepção e história BD: Joana Magalhães

Ilustração: Maria Morais e Rita Comedida

Modelação 3D: Daniel Assunção e Nelson Duarte (Girina Studio)

Design Gráfico: Diana Ferreira



SUPERMERCADO

Mundo Real

Bem-vindas ao SUPERMERCADO.

Bem-vindas à DECENTRALAND, a mais recente coleção de arte da nossa comunidade.

DECENTRALAND é a primeira história de fantasmas do mundo criada para o universo digital. Os 50 NFTs únicos e numerados que compõem a história são propriedade da marca SUPERMERCADO.

Em breve podem ser vossos. Venham fazer parte da nossa comunidade. Venham partilhar da nossa história.



DECENTRALAND01 Decentraland
DECENTRALAND02 Sorrel, 32 anos, sem profissão definida. Vive numa casa
tendo.

DECENTRALAND03 Sorrelia.

DECENTRALAND04 Caminha pela rua.

DECENTRALAND05 Algumas pessoas estão nuas.

DECENTRALAND06 Algumas pessoas têm um animal de estimação.

DECENTRALAND07 Mais a sede.

DECENTRALAND08 Verifica o batimento cardíaco.

DECENTRALAND09 Passa pelo SUPERMERCADO que vende obras de arte.

DECENTRALAND10 As obras de arte confundem-se com a vida das casas no

DECENTRALAND11 Arte.

DECENTRALAND12 Casa.

DECENTRALAND13 Casa.

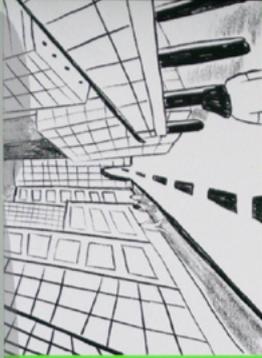
DECENTRALAND14 Há uma promoção.

DECENTRALAND15 Há uma promoção.

DECENTRALAND16 Há uma promoção.

DECENTRALAND17 por uma pechincha.

DECENTRALAND18 por uma pechincha.



OLA, SORREIA. FALTAM 1,9235 LITROS PARA ANINHAR O LUNITE DIÁRIO DE ÁGUA.



A FICÇÃO

SUPERMERCADO é uma ficção terapêutica para consumidores num mundo pós-capitalista. Foi criado depois da catastrófica queda dos NFT's em 2023, que originou um abalo sem precedentes na credibilidade, junto à opinião pública ocidental, da função vitalizadora da especulação na manutenção de um sistema capitalista robusto e imortal.

Cumpra dois objetivos urgentes:

- a suavização da sintomatologia de privação de consumo;
- a descolonização da função especulativa.

Para cumprir estes objetivos, cria um espaço seguro onde os pacientes podem sublimar os seus impulsos consumistas e, ao mesmo tempo, exercitar a sua função especulativa fora do contexto de toxicidade imobiliária e financeira. Apresenta várias obras de arte, criadas por diferentes artistas, com objetivos específicos. Para uma verdadeira cura, os doentes devem experienciar todas elas.

1- INCLUSÃO

Inclusão apresenta 4 variações do mesmo vídeo. Utiliza linguagem paradoxal apropriada/ roubada/ expropriada/ mixada de pessoas artistas digitais famosas, consórcios de tecnologia virtual, empresas de energia verde e de políticos de diferentes quadrantes. Através da linguagem paradoxal, são instaladas, na mente dos doentes, mensagens subliminares que alimentam quer a linguagem capitalista, quer ideias de comunidade, liberdade, democracia e ecologia.

2 - REAL IDADE

REAL IDADE apresenta o curto percurso de ascensão e queda dos NFTs, publicado no Jornal Público entre 12 de Março de 2021 e 23 de Setembro de 2023. Com esta exposição, pretende-se que os doentes construam uma narrativa que suporte o seu sentimento de perda. O luto deve ser coadjuvado com narrativas reais que o suportem, devolvendo-lhe significado.

3 - CASA

CASA é um ready-made que apresenta uma tenda que atingiu o top de vendas da Decathlon no ano de 2023, em plena crise de especulação imobiliária. Os doentes podem habitar a tenda e perceber que nem tudo é mau no contexto atual. As marcas estampadas servem para dar um sentimento de conforto aos consumidores, proporcionando-lhe um cenário reconhecível. O vídeo apresenta a Mars House, a casa virtual mais cara do mundo à data, concebida pela artista Krista Kims e utiliza, também, linguagem paradoxal.

4 - SUPERMERCADO

SUPERMERCADO apresenta a reconstrução de um supermercado à escala, uma cópia concentrada de um supermercado comum, reduzido a dois corredores e a uma linha de caixa, instalado numa black box. Este é o local de imersão e de role-playing, onde o consumidor pode efetivar os seus impulsos mais mórbidos de consumo. No entanto, o sistema está montado de forma tão pouco acessível que a maior parte dos participantes não consegue finalizar o processo de compra. Este supermercado vende arte digital (NFTs) e arte não visível, duas formas artísticas já extintas, mas que potenciam o exercício da especulação. Pode ainda fazer parte da comunidade online do Supermercado, embora privilegiemos outro tipo de encontro.

5 - EXIT THROUGH THE GIFT SHOP

Esta instalação expõe uma coleção de postais, réplicas físicas da coleção de NFTs vendida pelo SUPERMERCADO. Os postais, ao contrário dos NFTs, são gratuitos e podem ser levados para casa. São outro paradoxo. A coleção de 50 postais, com o título DECENTRALAND, apresenta uma história de fantasmas alegórica ao mise en abyme capitalista. DECENTRALAND é uma palavra expropriada de um jogo de grande sucesso em 2023.



Distância de segurança

Instalação-performance + espetáculo de teatro

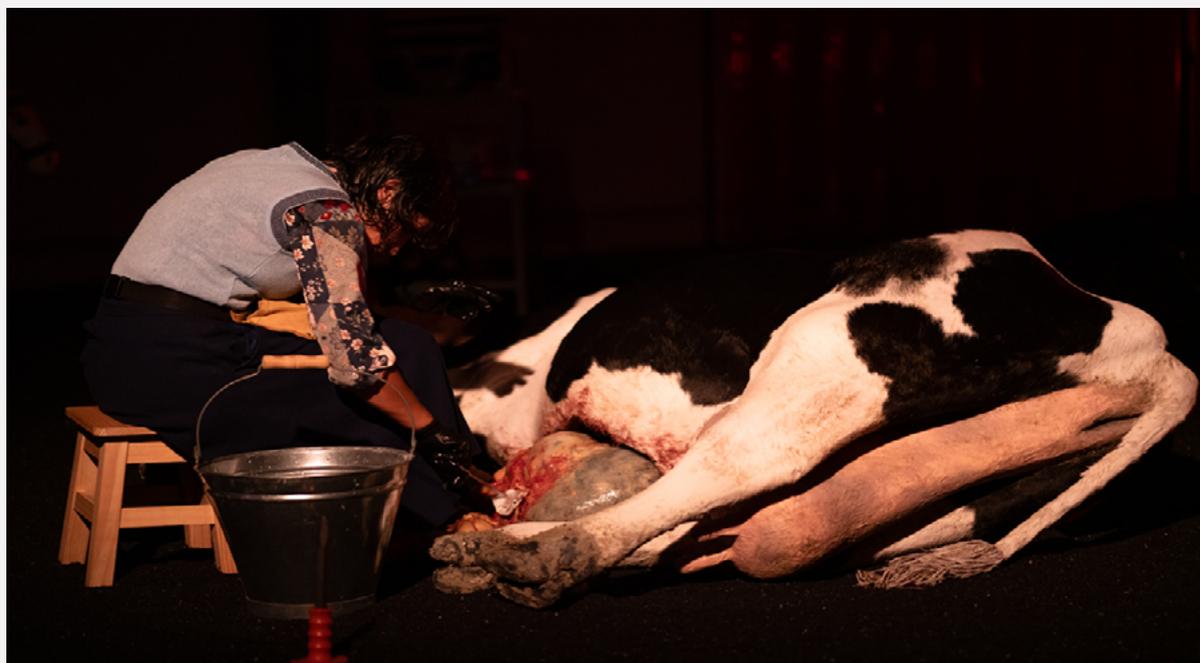
Jun 2023, Circolando - Central Elétrica, Crl, Porto

projeto financiado pela República Portuguesa - Direção Geral das Artes

Criação: Joana Magalhães
Cenografia: Catarina Barros
Composição musical e desenho de som:
Henrique Apolinário
Apoio ao Som: Rodrigo Malvar
Desenho de luz: Cárin Geada
Montagem e Operação de Luz: Daniel
Vasques

Design gráfico: Gil Mac
Direção de Produção: Ana Lopes
Projeto financiado por: República Portuguesa – Cultura | DGArtes –
Direção Geral das Artes e Bolsa Self-Mistake
Apoio: CRL - Central Elétrica e Plataforma UMA





Instalação

Distância de segurança explora a ideia de safe room ou panic room, designadamente uma sala tipicamente instalada para providenciar um abrigo seguro para os seus habitantes em caso de invasão, tornado, ataque terrorista ou outro qualquer tipo de ameaça. Nesta sala particular, joga-se o conceito de distância e de segurança, conceitos que passaram a fazer parte do nosso léxico comum e que trazem a debate as formas como o 'outro' é constituído, questionando as estreitas relações de poder que se estabelecem no espaço [entre], quer [entre] humanos ou não humanos.

"(...) We must deal with the idea of distance itself. If we try to get rid of distance too fast, in our rush to join the nonhuman, we will end up caught in our own prejudice, our concept of distance, our concept of "them". " - Timothy Morton, *Ecology without Nature*.

Esta sala propõe conviver, de forma segura, com um dos "outros" mais temido - o escuro, aka negro, aka matéria negra, aka águas profundas, aka morte. Baseado nas teorias de Timothy Morton sobre dark ecology e prismatic ecology e no seu mais recente livro *Spacecraft*, Distância de segurança mete-nos dentro da MESH, i.e., em relação direta com as realidades não-humanas, seres abissais que habitam o escuro, para dialogar sensualmente com ele. A instalação propõe aos visitantes, munidos de headphones, uma imersão espacial e sonora no escuro e uma experiência sensual com esta matéria viva. O escuro como objeto mas também como moldura, como símbolo e ontologia. Como imperativo para ver e ouvir melhor.

Espetáculo

"(...) How deep does deep ecology want to go? In a truly deep green world, the idea of Nature will have disappeared in a puff of smoke, as nonhuman beings swim into view. Then comes the next step. We must deal with the idea of distance itself. If we try to get rid of distance too fast, in our rush to join the nonhuman, we will end up caught in our own prejudice, our concept of distance, our concept of !them". Hanging out in the distance may be the surest way of relating to the nonhumans." - Timothy Morton, *Ecology without Nature*

Distância de segurança surge do diálogo que me interessou estabelecer entre as distâncias mínimas aconselhadas pela DGS e o encurtar das distâncias entre humanos e animais selvagens que se diz ter estado na origem da crise pandémica. Fixei-me num conceito que ouvi repetidamente nos últimos tempos e que subitamente se tornou parte do léxico comum - o de distância de segurança - para o problematizar e trazer a debate as formas como o "outro" é constituído, questionando as estreitas relações de poder que se estabelecem no espaço [entre], quer [entre] humanos ou não-humanos. Propus-me partir destas duas noções - distância e segurança - para as aplicar aos contextos em que a oscilação entre próximo e distante se tornam factor de sobrevivência e de exercício de poder de um sobre um outro. Contextos que geram os seguintes capítulos estruturadores da performance a apresentar: 1. Mapas, 2. Sobrevivencialismo, 3. Caça e Domesticação, 4. Colonização, 5. Individualização e 6. Ecologia.

Instalação

Espetáculo

Distância de segurança explora a ideia de safe room ou panic room, designadamente uma sala tipicamente instalada para providenciar um abrigo seguro para os seus habitantes em caso de invasão, tornado, ataque terrorista ou outro qualquer tipo de ameaça. Nesta sala particular, joga-se o conceito de distância e de segurança, conceitos que passaram a fazer parte do nosso léxico comum e que trazem a debate as formas como o 'outro' é constituído, questionando as estreitas relações de poder que se estabelecem no espaço [entre], quer [entre] humanos ou não humanos.

"(...) We must deal with the idea of distance itself. If we try to get rid of distance too fast, in our rush to join the nonhuman, we will end up caught in our own prejudice, our concept of distance, our concept of "them". " - Timothy Morton, Ecology without Nature.

Esta sala propõe conviver, de forma segura, com um dos "outros" mais temido - o escuro, aka negro, aka matéria negra, aka águas profundas, aka morte. Baseado nas teorias de Timothy Morton sobre dark ecology e prismatic ecology e no seu mais recente livro Spacecraft, Distância de segurança mete-nos dentro da MESH, i.e., em relação direta com as realidades não-humanas, seres abissais que habitam o escuro, para dialogar sensualmente com ele.

A instalação propõe aos visitantes, munidos de headphones, uma imersão espacial e sonora no escuro e uma experiência sensual com esta matéria viva. O escuro como objeto mas também como moldura, como símbolo e ontologia. Como imperativo para ver e ouvir melhor.

A pandemia veio acelerar uma série de epifenómenos, entre eles a já chamada "primeira catástrofe mundial da era digital" - o desnortear do próximo e do distante (Cachopo,2020). Evidenciou algumas distâncias/assimetrias. Veio criar outras. A prova física de confinamento foi tão ou mais sentida pelo corpo como pela psyche. Ao mesmo tempo que lidámos com a diminuição da profundidade de campo, fálhou-nos o horizonte, problema não só de percepção mas de falta de imaginação. A "remediação digital", a "segurança" e os perigos que comportaram as atividades humanas modernas com a criação de novos monstros - maravilhas da simbiose mas terríficas ameaças da disfunção climática - como os define Anna Tsing foram questões que nos rasgaram e que trouxeram o conceito de distância para um ponto paradoxal que evidencia os dois sentidos do entanglement: vida e perigo, aproximação e distância.

"(...) How deep does deep ecology want to go? In a truly deep green world, the idea of Nature will have disappeared in a puff of smoke, as nonhuman beings swim into view. Then comes the next step. We must deal with the idea of distance itself. If we try to get rid of distance too fast, in our rush to join the nonhuman, we will end up caught in our own prejudice, our concept of distance, our concept of !them". Hanging out in the distance may be the surest way of relating to the nonhumans." - Timothy Morton, Ecology without Nature

Distância de segurança surge do diálogo que me interessou estabelecer entre as distâncias mínimas aconselhadas pela DGS e o encurtar das distâncias entre humanos e animais selvagens que se diz ter estado na origem da crise pandémica. Fixei-me num conceito que ouvi repetidamente nos últimos tempos e que subitamente se tornou parte do léxico comum - o de distância de segurança - para o problematizar e trazer a debate as formas como o "outro" é constituído, questionando as estreitas relações de poder que se estabelecem no espaço [entre], quer [entre] humanos ou não-humanos. Propus-me partir destas duas noções - distância e segurança - para as aplicar aos contextos em que a oscilação entre próximo e distante se tornam factor de sobrevivência e de exercício de poder de um sobre um outro. Contextos que geram os seguintes capítulos estruturadores da performance a apresentar: 1. Mapas, 2. Sobrevivencialismo, 3. Caça e Domesticação, 4. Colonização, 5. Individação e 6. Ecologia.



Piloto

Espectáculo de teatro

Mai 2023, Teatro do Campo Alegre

projeto financiado pela DGArtes, co-produção TMP-Teatro Municipal do Porto,

FITEI - Festival Internacional de Teatro de Expressão Ibérica e Plataforma UMA



Concepção: Joana Magalhães, Mafalda

Lencastre e Maria Inês Marques

Encenação: Joana Magalhães

Texto: Maria Inês Marques

Elenco: Crista Alfaiate, Joana Magalhães,

José Capela, Maria Leite, Maria Inês

Marques, Rui Lima, Sérgio Martins

Cenografia e figurinos: Catarina Barros

Música e sonoplastia: Rui Lima e Sérgio Martins

Desenho de luz: Carin Geada

Vídeo: Vasco Mendes

Assistência à cenografia/figurinos e produção executiva: Susana Paixão

Direção de produção: Ruana Carolina Corrêa

Uma produção: PLATAFORMA UMA

Co-produção: FITEI / Rivoli.Campo Alegre - Teatro Municipal do Porto

Projeto financiado pela República Portuguesa - Direção-Geral das Artes





Num mundo obcecado com o fim, onde o medo da morte e da catástrofe coletiva já foi normalizado, somos agora confrontados com um outro tipo de medo - o dos inícios. Um grupo multidisciplinar de criativos encontra-se reunido para testar as atrações de um novo parque temático que permite aos visitantes concretizar os seus desejos iniciáticos mais profundos e experienciar a adrenalina do início de forma controlada (seja o Big Bang, os primeiros momentos de divisão celular, o seu próprio nascimento, ou mesmo o primeiro dia de aulas). Obcecados pela mecânica perfeita desta experiência-piloto, a equipa é engolida pela radicalidade do início. PILOTO é um exercício dramático que procura resistir à progressão desenfreada e linear do tempo, e à tentação de projectar o fim da(s) história(s).



Miragem - discursos sobre o fim
Instalação-performance / Exposição individual
Out -Nov 2022, Culturgest Porto
projeto vencedor do programa Criatório da Câmara Municipal do Porto

MIRAGEM - discursos sobre o fim
8 OUT – 27 NOV

Conceção: Joana Magalhães
Cocriação: Marisa Escaleira, Stephane Alberto, Susana Paixão
Direção técnica: Vasco Ferreira

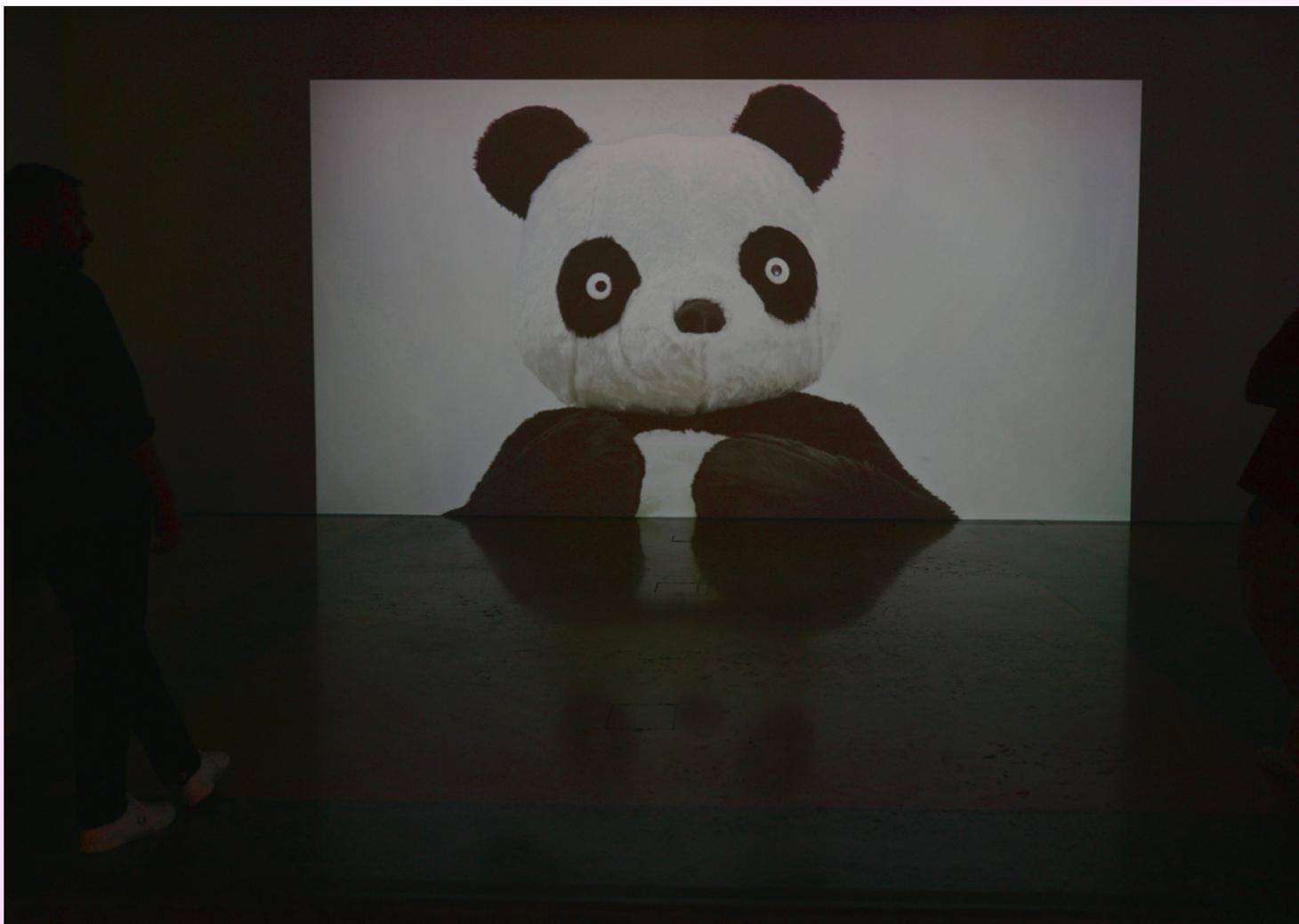
Vídeo: Vasco Mendes
Guias das visitas guiadas: Fátima Vieira, Joana Montalverne, Pedro Eiras, Victor Moita
Direção de produção: Maria Inês Marques
Produção executiva: Nuno Eusébio
Apoio à produção: Pedro Costa
Costureira Maria Costa
Apoio à construção: Cristóvão Neto, José Queiroz, Mariana Fonseca, Nuno Mega
Fotografia Mafalda: Lencastre
Grafismo: Diana Ferreira
Acolhimento: Culturgest Porto

MIRAGEM é uma exposição performativa sobre o fim definitivo – a EXTINÇÃO.

Em diálogo aberto com o fim, na tentativa de o adiar/perceber/aceitar, Miragem é uma ação especulativa, um laboratório de novas possibilidades de imaginação e experiência.

A exposição apresenta três instalações compostas por peças de diferentes formatos (vídeo, escultura, som), criadas por Joana Magalhães. Nesta série, através da desconstrução de discursos apocalípticos e catastrofistas contemporâneos que rodeiam o tema central, geralmente vinculados à não-ação, projetam-se novas mitologias de subsistência do futuro baseadas na construção de narrativas que introduzem o fim do mundo como um acontecimento inevitável mas possível de adiar e com o qual podemos e devemos dialogar. Necessariamente oníricas, as obras apresentadas são como pedaços arrancados do inconsciente coletivo que se veem plasmadas no espaço expositivo e para as quais contribuiu o pensamento de autores como Dipesh Chakrabarty, Donna Haraway e Eduardo Viveiros de Castro, muita cultura pop, uma longa tradição de narração oral e a radical vivência da infância. Através delas, atualizam-se estratégias ancestrais de lidar com o fim e projetam-se visões utópicas.

Estas visões utópicas, que emergem da paisagem nos seus múltiplos estádios de devir, fluindo de baixo para cima e evocando perspectivas rizomáticas submersas, descolonizam o imaginário. É próprio do imaginário colonizado impor a categoria do impossível e da necessidade e, se necessário, a da fatalidade, seja sob o signo da Natureza, seja sob o da teologia. Mas imaginar é também fragilizar o real, reapropriar-se da sua fragilidade e fazer entrar nas palavras, nas imagens e nos gestos a categoria do possível e a força das indeterminações.



1. JOANA MAGALHÃES
Furar a neve, 2022 Vídeo

FURAR A NEVE documenta o momento em que as escalas de finitude individual e de finitude coletiva entram numa trajetória de convergência para se tornarem numa verdade afetiva difícil de administrar. O caráter hiperobjetivo e apocalíptico do fim coletivo é gerador de um vazio existencial concentrado num animal dividido entre sombra e luz: o panda. O fim da ficção é o gesto inaugural deste vazio. É nas suas ruínas que se ativam novas mitologias de subsistência de um futuro que irremediavelmente conterà um termo, um finito, um caput, contrariando as ideias capitalistas e extrativistas sem fim à vista.



2. JOANA MAGALHÃES & SUSANA PAIXÃO Furar a neve (Realidade-prazer-prazer), 2022

FURAR A NEVE (Realidade-prazer-prazer) apresenta três variações da estufa usada no filme original FURAR A NEVE. A estufa, símbolo de conservação e de artifício sobrevivencialista, é também apresentada como casa. As três variações correspondem às três casas construídas no conto tradicional Os três porquinhos, regidas, respetivamente, pelo princípio do prazer, prazer, e realidade. Ao contrário da história popular, que apresenta as casas por ordem crescente de robustez e de artifício, aqui a ordem é invertida, antecipando uma maior valorização da casa três (a casa de palha). Esta série, permeada pelo universo dos contos populares e da tradição oral, apresenta três formas distintas de adiar o fim, pondo em evidência as estratégias, muitas vezes violentas, de conservação e de recusa de tudo o que sabemos sobre ecologia e biologia ao isolarmos o ser humano do resto do mundo.

1. Realidade

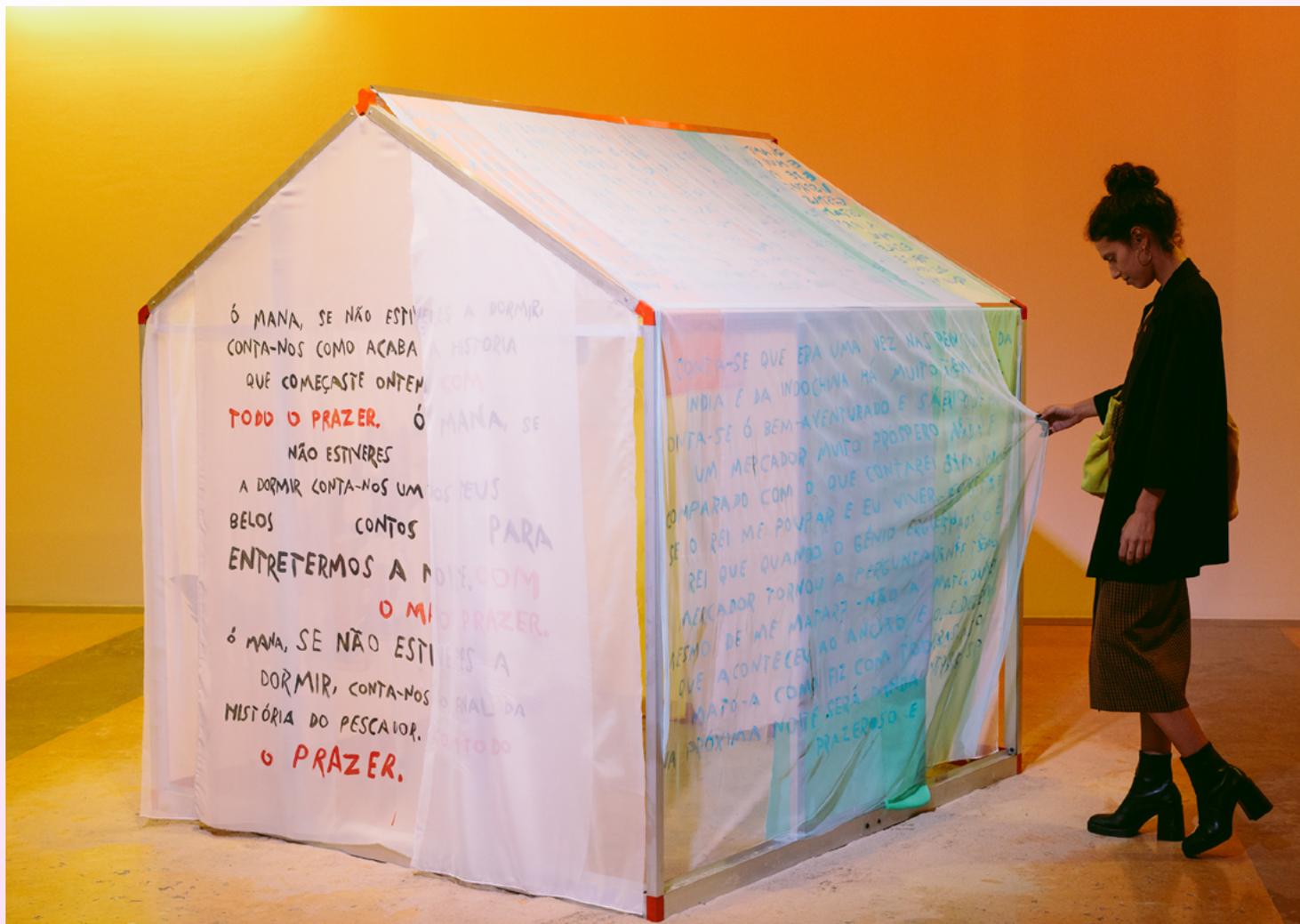
*Alumínio, viroc, cimento, espelhos,
gato Bordalo Pinheiro, terrina Marinha Grande*



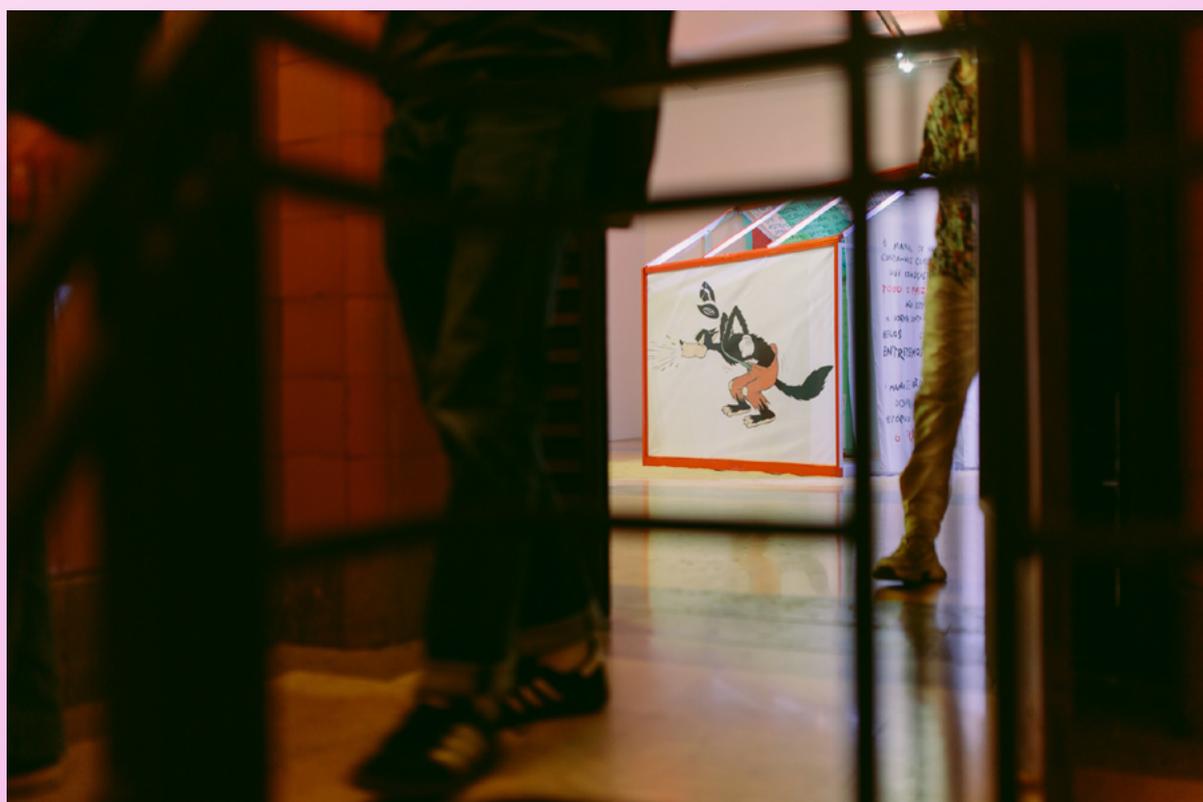


2. Prazer 1
*Alumínio, acrílico, chocadeira,
ovo, galo de Barcelos*





3. Prazer 2
Alumínio, musselina, voil





3. JOANA MAGALHÃES & MARISA ESCALEIRA

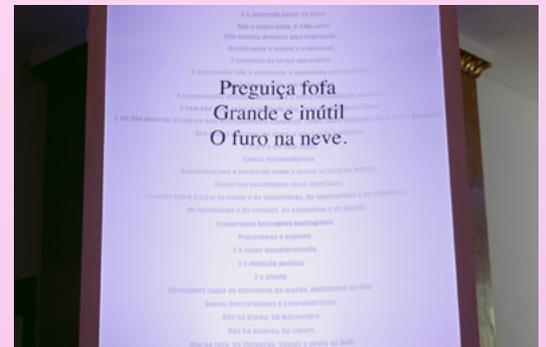
Haiku, 2019

Tecido de pelúcia, pasta de enchimento, esponja e esferovite

4. JOANA MAGALHÃES

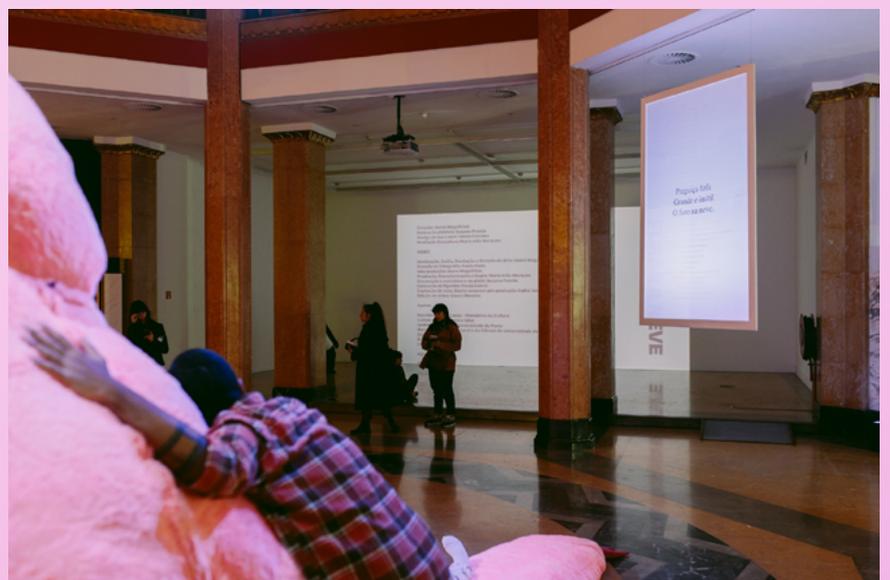
Manifesto do teatro contemplativo, 2019

Serigrafia



HAIKU é um elogio à preguiça (pecado capital) e à preguiça (animal), ambas em vias de extinção. Apresenta a contemplação e a desaceleração como forma de adiar o fim. A instalação foi apresentada pela primeira vez em 2019, na mala voadora Porto, e em 2020 integrou a performance duracional HAIKU extended, onde a prática da preguiça é apresentada como desporto olímpico.

Um. Um *teatro contemplativo* tratará de responder aos novos regimes de percepção e atenção de uma sociedade sobrecarregada de estímulos visuais e com compulsão para a hiperatividade, convidando o espetador a ver. Dois. Um teatro contemplativo deverá proporcionar uma alteração na percepção e na consciência do espetador, não impondo o que ver através de um excesso de estímulos ou de impulsos metodicamente compostos.





5. JOANA MAGALHÃES & STEPHANE ALBERTO

Love Song - O que está morto está morto, 2022

Poliestireno expandido, poliuretano, resina acrílica, pele de vaca, látex, silicone, drakalon, lã, desperdício de tecido, sisal

Em Love Song - O que está morto está morto, o espectador é convidado a olhar e a contemplar um acontecimento valioso: o fim. Neste caso, o fim biológico consumado. No memento mori é explorada a importância de olhar de frente a morte, de reconhecer o fim da vida que já cessou, de fazer o seu luto e de não viver apenas no terror do advento de um fim maior, a extinção. O corvo, animal que acompanha o cadáver como doula de fim de vida, para além de ser um dos poucos animais que pratica rituais fúnebres, é necrófago, pontuando a continuidade entre fim e início, entre morte e vida.





6. JOANA MAGALHÃES & DIANA FERREIRA

Edição - [Livro de apoio à exposição](#)

Miragem - discursos sobre o fim



N - Queria começar por falar sobre a arca que está a construir — MIRAGEM. Como é que procedeu à escolha dos animais? E porque é que um deles está morto?

JM- Esta exposição não é exactamente uma arca. Estes animais, que não são animais, estas criaturas, não estão ali por uma ideia de justiça ou de equidade ou para representarem espécies extintas ou em vias de extinção. Também não os pretendo salvar de um futuro apocalíptico. Essas criaturas são fantasmas. Os fantasmas relembram-nos que vivemos num presente impossível, um tempo de ruptura, um mundo assombrado com a ameaça da extinção. No entanto, os fantasmas são também ervas daninhas que nossussurramhistóriasdosmuitospassa- do- defuturosquenosrodeiam. Edashis- tórias mais-que-humanas de resistência para se manterem vivos. Os fins vêm com a morte de uma folha, de uma cidade, de uma amizade, de pequenas promessas e de pequenashis- tórias. As paisagens decorrentes desses finais são os nossos desastres mas também a nossas ervas de esperança. Para rastrear as histórias que tornam a vida multi-espécie possível, não é suficiente olhar só para os corpos com vida. Em vez disso, devemos vaguear por paisagens, onde os vestígios dos mortos se reúnem com os vivos.

N - Esses discursos sobre o fim a que se refere... no Génesis não eram agradavelmente ass- milados. Pela sua qualidade pessimista eram de difícil adesão e, para alguns populares, difíceis de comportar. As pessoas não esta- vam preparadas para ouvir que por culpa das suas acções iria acontecer um grande dilúvio e que, se não se arrependessem, merecendo a entrada na Arca, estariam condenadas. Eu fui visto como um louco por adoptar este tipo de discurso. A própria construção da arca era vista como uma perda de tempo, uma actividade inútil... o que é que acha que mudou nos dias de hoje?

JM- Vivemos tempos interessantes. 2020, 2021 e 2022 foram, sem dúvida, anos repletos de eventos: rumores de disputas globais e de uma Terceira Guerra Mundial, desastres ecológicos, fogos devastadores, uma epidemia global e um “novo normal” no planeta inteiro. Tudo isto parece anunciar uma espécie de catástrofe colectiva, ideia que não é nova, mas que veio a tornar-se imperativa no espaço público. O futuro próximo, na escala de poucas décadas, torna-se imprevisível, senão mesmo inimaginável fora dos quadros da ficção científica ou das escatologias messiânicas. Por outro lado, cada vez mais bunkers são construídos com propósitos variados, desde o Bunker do Apocalipse, situado na Noruega, à mais recente CyberHouse, a estrutura de vários andares que foi projec-

tada para suportar desastres como furacões, terramotos, contaminação radioactiva e até ataques de zombies.

N - Se já vivemos no apocalipse, o que é que vem a seguir?

JM - O denominador comum das narrativas pós-apocalípticas é a de que o humano necessita de uma nova ordem e autoridade nas suas vidas, de outra forma estaremos condenados a ser uns selvagens, escravos dos nossos próprios desejos e necessidades individuais. O estereótipo da produção pós-apocalíptica faz uma extensa mensagem de propaganda para as massas, revelando que o capitalismo é a única ideologia funcional com a qual conseguimos viver e conseguimos até beneficiar dela. No entanto, essa narrativa é apenas um simulacro do presente, uma forma bárbara de continuar o apocalipse que nos mantém fixos a uma ideia de autoridade e que não revela a tendência para a entreatajuda e cooperação, que sempre se provaram mais fortes em todos os estudos efectuados em comunidades que passaram por uma determinada catástrofe. Como alternativa às narrativas pós-apocalípticas podemos ainda pensar que o apocalipse não vai passar, que vivemos e sempre viveremos nele. Assumir que, dentro do apocalipse, há gestos que podem e devem ser eliminados; observar como é que temos sobrevivido no mundo precário em que vivemos e imaginar melhores formas de sobreviver (não necessariamente as mais eficientes), uma “sobrevivência colaborativa” tendo por base uma ideia de cosmopolítica e de regeneração. Como Anna Tsing refere no seu livro *The Mushroom at the end of the world*, “sem colaborações, iremos todos morrer”. Catherine Keller fala de um contra-apocalipse. Stengers fala da possibilidade de pensar um futuro que não é bárbaro mas que abdica da fantasia de uma coexistência pacífica entre indivíduos, espécies e sistemas. Joanna Zylińska fala de um contraapocalipse feminista que trabalha o fim como uma condição estruturante de estar no mundo, ao mesmo tempo que alude à responsabilidade dos nossos “problemas” com e dentro desse mundo. Talvez seja esta a ideia com que me identifico mais sobre o que “vem a seguir”, que é onde estamos agora.

N - Escolheu vestir-se de panda neste encontro de furies. Usa sempre a mesma personagem?

JM - É a primeira vez que venho a um encontro de furies e estou a gostar da experiência. É como ir a um festival de Verão, cada um se veste como quer e com determinado propósito. Nada é deixado ao acaso. E sim, há essa dimensão de identificação com determinada personagem. Acho que não escolheria ser sempre um panda mas fez-me sentido desta vez, já que vinha falar de fins e inícios - o preto e o branco. Foi um animal fetiche da minha infância. Tinha um livro do panda TAO TAO que adorava. Sempre gostei muito de ursos em geral. Houve uma altura em que me apaixonei por um. Num jardim zoológico. O romance durou três anos. Ia visitá-lo todos os Verões e passava a tarde com ele, a falar. Não sei se dentro da cabeça ou fora dela, não me lembro se verbalizava, mas lembro-me de serem longas conversas.

N - Qual a sua opinião sobre os jardins zoológicos? Serão eles uma espécie de arca?

JM - Os zoológicos públicos surgiram quando os animais começam a desaparecer da vida quotidiana. Como afirma John Berger, o zoo é uma espécie de epitáfio de uma relação que era tão antiga quanto o homem e que se perdeu. O olhar entre o homem e o animal, que teve um papel crucial no desenvolvimento da sociedade humana e com o qual todos os homens conviveram, foi extinto. Por isso o zoológico não pode senão desapontar, pois em nenhum lugar do zoo se pode encontrar o olhar do animal. Trata-se de uma artificialidade, de um lugar de objetivação, dominação e classificação do outro e, por isso, há uma impossibilidade de encontro.

N - Acha que este lugar que criou para a Culturgest Porto é um lugar de encontro?

JM - Ainda que o zoológico não seja um lugar propício para o encontro, quando apropriado pela arte, ele pode, sim, revelar o olhar do animal sobre nós. A jaula de Bonnie Sherk, o viveiro dos papagaios de Rachel Berwick, a biblioteca para pássaros de Mark Dion, a galeria onde Joseph Beuys está preso com um coiote, são espaços que se parecem com o zoológico (no caso de Sherk é o próprio zoológico), mas que o inverte, o transforma. A arte abre as jaulas do zoológico, mas também do museu, na medida que confunde a separação entre homem e animal e entre arte e mundo, na medida que expõe não mais um animal objeto, um objeto espetacular, ou um homem animalizado, mas uma relação de devir. O termo devir, como Deleuze e Guattari o explicitam, permite o intercâmbio entre concepções de mundo outrora estáticas como homem/natureza, homem/mulher, eu/nós, humano/animal pois, no devir, não há divisões essenciais entre minerais, vegetais, animais e humanos, mas um contínuo, um campo de forças virtuais. Intensidades e forças que estão sempre a mudar conforme se encontram e se relacionam com outras entidades. Gosto de sentir assim. Por isso sim, acredito que este espaço onde estamos é um espaço de múltiplos encontros.

N - Permita-me fazer-lhe uma pergunta íntima: acredita em Deus?

JM- Quando era criança, praticava frequentemente o animismo, uma cosmovisão que entende entidades não humanas (animais, plantas, objetos inanimados ou fenómenos) como possuidoras de uma essência espiritual. Um animismo que, tal como Eduardo Viveiros de Castro o descreve “é a única versão sensível do materialismo.” É uma prática que não é acerca de crenças, um conceito cristão (acreditar não é sensível) mas advém antes de um materialismo sensível, baseado na apreensão do real e na experiência profunda do mundo. Seja ele um ser humano, um animal, uma planta, ou um urso de pelúcia. No corpo animista da criança, somos cyborgs à nascença. Esta exposição é a minha tentativa de reativar essas práticas, transplantando-as para a vida adulta e urbana, não menos materialista e sensível do que o campo da minha infância e a sua espiritualidade. Espero ter respondido à sua pergunta.

A antropóloga Anna Tsing vê o estudo da paisagem como o ponto nevrálgico de aproximação ao entendimento da extinção. Segundo ela, a extinção deixa vestígios e é na paisagem que eles se encontram. É o lugar onde os mortos se juntam aos vivos, em justaposição. É nesta simultaneidade que encontramos a possibilidade de persistir, de resistir e adiar a extinção. A paisagem é, assim, simultaneamente assombrada e criada por múltiplas extinções, repleta de fins mas também de inícios. Nelas releva-se igualmente passado e futuro como forma de manter o presente vivo. Atualizam-se estratégias ancestrais de lidar com o fim e projetam-se visões utópicas.

Estas visões utópicas que emergem da paisagem, que fluem de baixo para cima e que evocam perspectivas submersas, descolonizam o imaginário de Mondzain, designado “o lugar que se deve devolver a todos os gestos ativos e resistentes que provam diariamente que as imagens da dominação não conseguem triunfar.” É próprio do imaginário colonizado impor a categoria do impossível e da necessidade e, se necessário, a da fatalidade, seja sob o signo da Natureza, seja sob o da teologia. Mas imaginar é também fragilizar o real, reapropriar-se da sua fragilidade e fazer entrar nas palavras, nas imagens e nos gestos a categoria do possível e a força das indeterminações. Nesta série, através da desconstrução de discursos e mitologias apocalípticas e catastrofistas contemporâneos que rodeiam o tema central (extinção), geralmente vinculados à não-ação, tento projetar novas mitologias de subsistência do futuro. Estas são as miragens que pretendo explorar coletivamente e de forma lúdica, num exercício especulativo ficcional, influenciada pelas ideias de pensadores como Dipesh Chakrabarty, Anders, Latour, Stengers, Donna Haraway, Anna Tsing, Ponivelli e Eduardo Viveiros de Castro - olhando de frente para o fim do mundo, como um acontecimento inevitável mas possível de adiar e com o qual podemos e devemos dialogar.

Entrevista de Noé a Joana Magalhães num encontro de Furries, publicada no livro de apoio à exposição



Hair
Instalação
Abr 2022, Árvore - Cooperativa Artística
projeto financiado pelo festival TRANSEuropa / co-produção Plataforma UMA

Concepção artística e coordenação:
JOANA MAGALHÃES, MAFALDA LENCAS-
TRE, MARIA INÊS MARQUES (UMA)

Contribuições de:
DJAIMILIA PEREIRA DE ALMEIDA, NABIL
IQBAL, MARIA VILELA MÃE, MARIA INÊS
MARQUES

Vozes:
MAURO HERMÍNIO, NABIL IQBAL, MAFAL-
DA LENCAS-CASTRE, MARIA VILELA MÃE

Execução da cenografia:
SIGN WIDE FORMAT PRINTING

Desenho de som:
RAFAEL MAIA

Direção técnica:
LUÍS SILVA

Edição de vídeo:
MARIA LEITE

Apoio técnico:
UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA - ESCOLA DAS ARTES,
COMÉDIAS DO MINHO, TEATRO A QUATRO

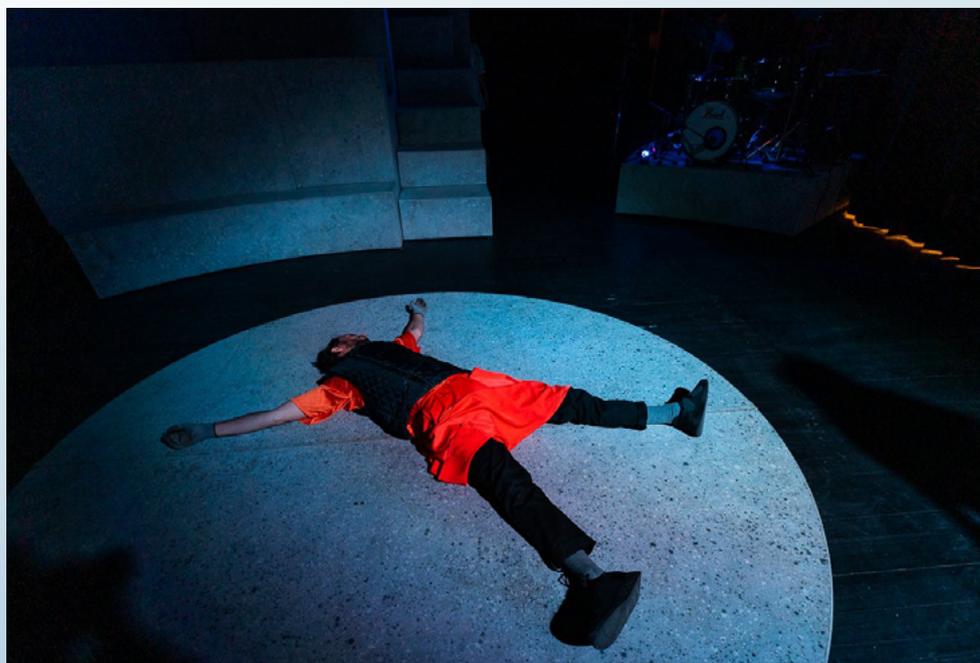


HAIR é uma instalação multimédia sobre a justaposição de dois conceitos-chave: resistência e fragilidade. Criada para a edição de 2022 do Festival TransEuropa, a obra nasceu do diálogo entre o eixo dramático e curatorial da temporada inaugural da UMA - BURACO 2.0 - e o tema do festival: Descolonizar! Descarbonizar! Democratizar!

HAIR aborda a materialidade contraditória do cabelo como uma fibra incrivelmente resistente (por exemplo, um único fio de cabelo pode aguentar até 3 quilos de peso e quando morremos o nosso cabelo continua a crescer, adiando a morte e marcando a passagem do tempo), e como “coisa” frágil e fantasmagórica, quando separada de um corpo vivo. Enquanto experiência imersiva de som e vídeo, a instalação posiciona o cabelo como um objeto que despoleta um multiverso de perspectivas filosóficas e discursos políticos, incluindo teorias astrofísicas sobre a (im)possibilidade de os buracos negros guardarem informação no seu “cabelo”; o cabelo como símbolo de desejo e repressão colonial; as leis de mercado em torno da manufatura capilar; ou mesmo o cabelo como materialização de identidade e memória pessoais. Embora a tradição ocidental, moldada por mitologias clássicas e bíblicas, tenha equacionado o cabelo como resistência = virilidade e força (pensemos na história de Sansão, por exemplo), com esta instalação propomos uma equação alternativa:

Resistência = fragilidade+decrepitude+fantasmagoria.

Através da sua condição dupla enquanto fibra viva (que cresce, estica e encolhe) e fibra morta (que parte, cai, e por fim apodrece), o cabelo evoca um arquivo que permanece presente através da sua própria falha, vestígios e spectralidades.



A perturbação do cidadão exemplar
Espetáculo de teatro
Jun 2022, Comédias do Minho
projeto produzido pela estrutura Comédias do Minho

Encenação e direção artística: Joana Magalhães

A partir do texto de: Gonçalo M. Tavares

Interpretação: Beatriz Valentim, Catarina Luís,
Dinis Duarte, Luís Filipe Silva, Rui Mendonça

Composição musical e música ao vivo: André Nunes, Francisco Beirão,

Cenografia e figurinos: Cristóvão Neto

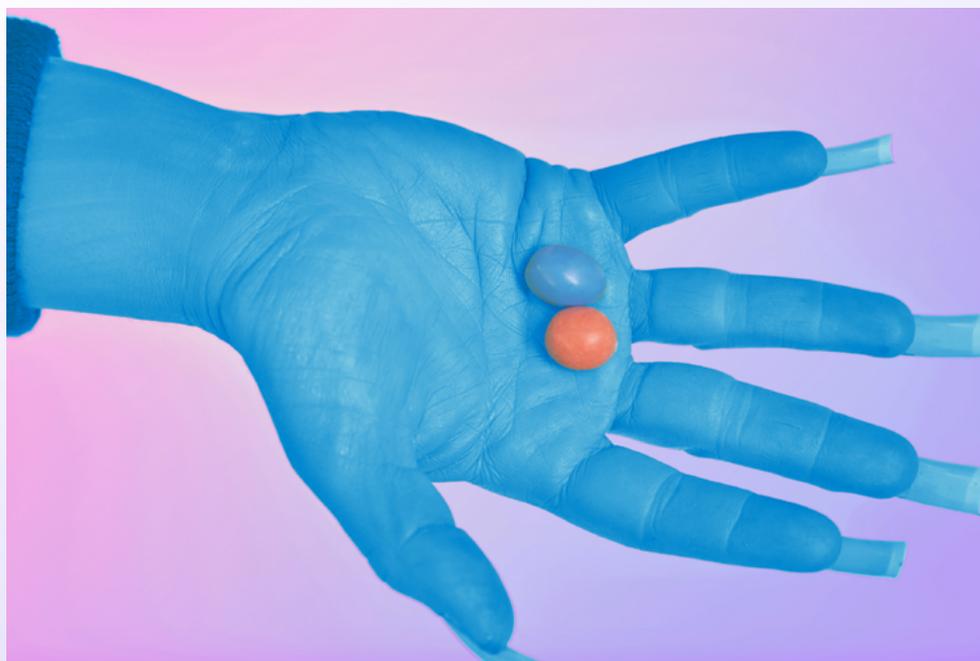
Desenho de luz e som: Vasco Ferreira

Produção: Comédias do Minho



Tomando como inspiração uma das histórias mais célebres de Herman Melville, *Bartleby*, este espetáculo coloca em arena de combate o conceito de trabalho, tal como hoje o conhecemos. Celebra-se o ritmo como força pulsante e formadora de humanidade, num mundo-máquina desprovido de corpo-animal.

Neste espetáculo, uma produção das Comédias do Minho, com encenação e direção artística de Joana Magalhães, conta-se a história desta perturbação, fazendo suar o discurso no corpo dos atores, ao ritmo frenético de uma bateria.



Furar a Neve
Vídeo / Vídeo-instalação
Dez 2021 - Fev 2022, Zero Box Lodge
projeto financiado pelo programa Garantir Cultura

Realização, Guião, Produção e Direção de Arte: Joana Magalhães
Direção de fotografia: Paulo Pinto
Interpretação: Joana Magalhães
Produção, Caracterização e Duplo: Maria Inês Marques

Decoração e assistentência de platô: Susana Paixão
Execução de figurino: Paula Cabral
Captação de som, Banda sonora e pós-produção áudio: Vasco Ferreira
Edição de vídeo: Vasco Mendes







FURAR A NEVE é um filme e uma instalação performativa, de Joana Magalhães, criados a partir da ideia de extinção e dos discursos e mitologias contemporâneas a ela associados. Nestas peças, apresentam-se outras performatividades que não as humanas e joga-se com as ideias de biodiversidade e de relações interespecíficas. Apropriam-se os discursos e mitologias contemporâneas sobre o fim, abandonando a perspectiva catastrofista e apocalíptica vinculada à não-ação para pôr em evidência as novas mitologias de subsistência do futuro. Neste gesto de abandono, a importância de contar histórias e a criação de novas narrativas sobre o fim apresentam-se como uma alternativa à ideia de “fim da ficção” e como reativação da capacidade de ficcionar um futuro, que irremediavelmente conterá um termo, um finito, um caput, contrariando as ideias capitalistas e extrativistas sem fim à vista.



- É o fim, não é?

- Fim?

- É demasiado obvio. Só pode ser. O Preto e o branco.

- ?

- Preto e branco - as cores do fim. Do vias de. Do finito, caput, última paragem, última - morada, abismo final. A planície abissal.

- Pode explicar-me melhor?

Sempre que acontece a preto e branco é o mesmo. É como nos sonhos a cores, só que, de - súbito, do nada, o branco ou o preto invadem as áreas cinzentas.

Pode dar-me um exemplo?

Silêncio.

- Estou sentado junto a uma fileira de bambus a contemplar o horizonte. Do nada, reparo que as nuvens brancas começam a comer o céu, e depois o topo das canas, até chegarem a mim e me comerem todo por dentro.

O que é que isso o faz sentir?

Nada.

Não sente nada?

Não, sinto o nada.

E o que é isso?

É frio. Um deserto branco.

Branco de neve?

- excerto do guião FURAR A NEVE, de Joana Magalhães



Haiku e Haiku Extended

Instalação e performance

Jul 2019 - Dez 2020, Mala Voadra Porto, Rivoli-Teatro Municipal e
projeto financiado pelo programa Garantir Cultura

Criação e concepção Joana Magalhães
Execução plástica e apoio à produção visual Marisa Escaleira
Voz-Off Rui Mendonça
Composição sonora Vasco Ferreira
Desenho de luz e som Vasco Ferreira
Apoio à produção Susana Paixão
Produção executiva Maria Inês Marques

[HAIKU](#) foi pela primeira vez apresentado como instalação, na Mala Voadora Porto. A performance [HAIKU EXTENDED](#) (2020) foi criada a partir da mesma e é uma performance de resistência, não contra a preguiça mas a favor dela. Enquanto espectadores testemunhamos uma prova aos Olímpicos numa modalidade nova e a praticar um desporto ancestral: [preguiçar](#).

Esta criação é um elogio à preguiça (pecado capital) e preguiça (animal), ambas em vias de extinção e põe em perspectiva o conceito dogmático de trabalho, de animal laborans (Hannah Arendt), bem como a conotação negativa de preguiça, da lentidão e do sono. Baseia-se numa pesquisa feita a partir de manifestos como A utilidade do inútil, de Nuccio Ordine (2013), e obras como Direito à Preguiça, de Paul Lafargue (1880), o Elogio do ócio, de Bertrand Russell (1935), 24/7- Capitalismo tardio e o fim do sono (2016), de Jonathan Crary e a Sociedade do Cansaço, de Byung-Chul Han (2010).



U
Teatro
Dez 2021 - Comédias do Minho e TNSJ
projeto produzido pela estrutura Comédias do Minho

Encenação: Joana Magalhães

Interpretação: Isabel Carvalho, Ivo Romeu Bastos, João Costa e Tiago Araújo

Texto original: Joana Magalhães, a partir da obra Ulisses de Maria Alberta Menéres

Cenografia e figurinos: Catarina Barros

Desenho de luz e som: Vasco Ferreira

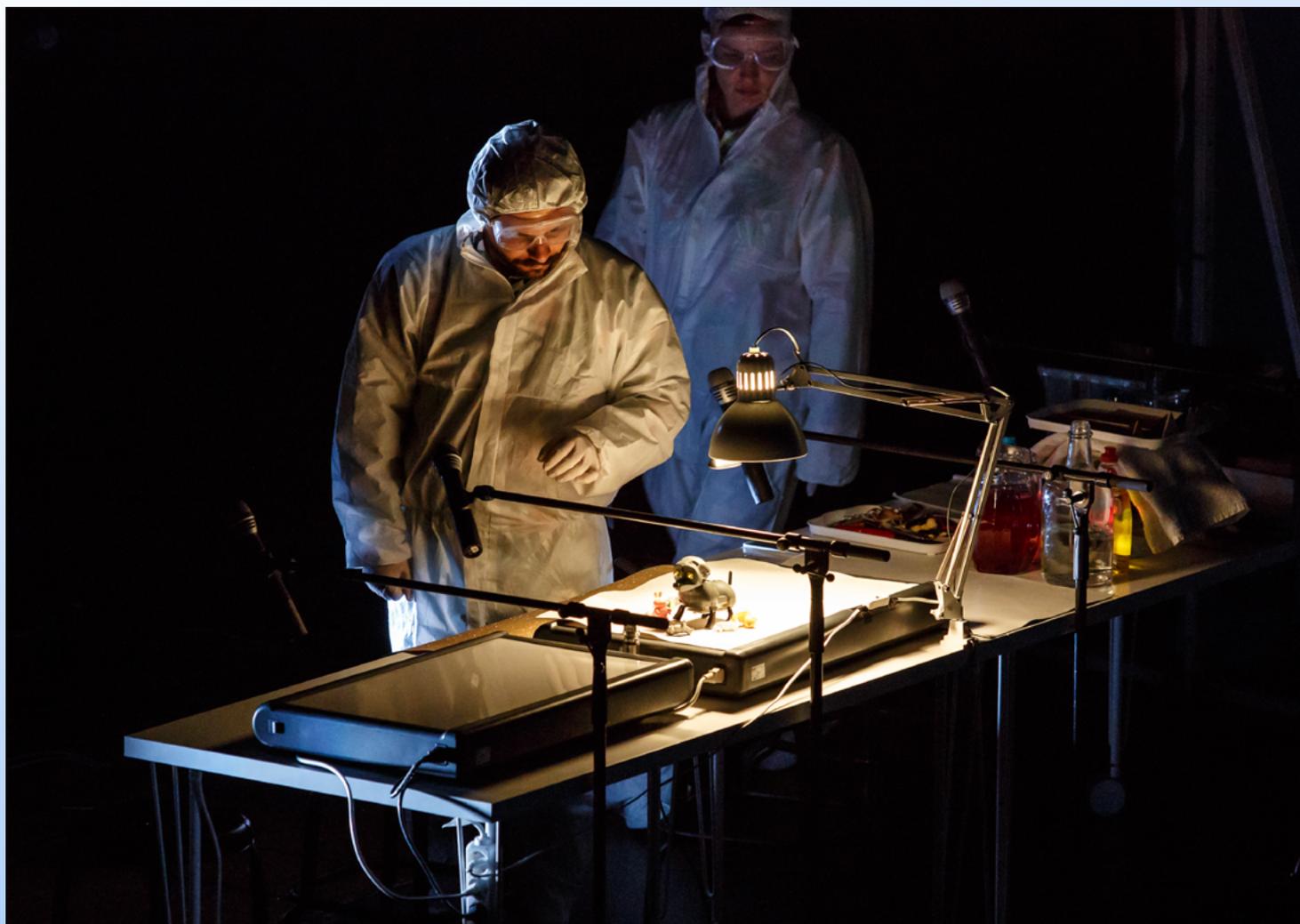
Vídeo: André Martins

Operação de vídeo: Fábio Coelho

Produção executiva: Maria Inês Marques

Produção: Comédias do Minho





U surge de uma pesquisa realizada em torno de duas figuras simbolicamente carregadas: o herói e o ditador. E dos contextos sociais, políticos e de “espírito” que promovem a adesão a esta mesma simbologia. A Odisseia de Homero é o objecto a partir e com o qual esta pesquisa se desenvolve. Considerada por muitos a maior epopeia alguma vez escrita, narrando a história de um prodigioso herói, Ulisses, foi sujeita a múltiplas interpretações e adaptações, quase sempre revistas à luz do seu protagonista.



Joana Magalhães

(1982, Porto, PT). Trabalha como criadora e performer, desenvolvendo um trabalho híbrido entre as artes visuais e as artes performativas. É licenciada em Psicologia pela UP (FPECUP, 2006, PT) e em Teatro- Interpretação pela ESMAE (2010, PT). Foi bolsista dos programas Inov-Art (2012, BR) e Leonardo da Vinci (2014, ES) e concluiu o curso para criadores RECURSO (2018, PT). Foi assistente de encenação das companhias Ensaio Aberto (Brasil, 2012) e Voadora (Galiza, 2014) e membro da companhia Teatro a Quatro. Foi intérprete e criadora residente nas Comédias do Minho entre 2016 e 2022. Trabalhou com Pedro Penim, TMeridional, Tdo Vestido, TEP, entre outros. Como criadora concebeu e escreveu cinco criações originais para palco, destacando U (TNSJ, 2020) e Distância de Segurança (Central Elétrica, 2023). No campo da performance e instalação destaca Haiku Extended (TMP, 2020), Supermercado (Mala Voadora Porto, 2023) e a exposição individual Miragem - discursos sobre o fim (Culturgest Porto, 2022). Em 2021 realiza a sua primeira média-metragem: Furar a Neve. É co-diretora artística do coletivo PLATAFORMA UMA, dedicado à criação, programação e curadoria, com o qual encenou PILOTO (FITEI 2023) e co-criou HAIR (Festival TransEuropa). Ganhou o programa Criatório 2021 e a bolsa Artistas DOURO 2023. Frequenta a Pós-graduação em Gestão Cultural e Sustentabilidade (UC). O seu trabalho mais recente é marcado por um forte pensamento ecológico, inserindo a sua pesquisa na área dos estudos pós-naturais e apoiando-se em investigação proveniente das áreas da biologia, biotecnologia, antropologia e filosofia. Em Miragem-discursos sobre o fim (2022) aborda três grandes extinções: a da preguiça, da ficção e do luto. Em Distância de Segurança (2023) investiga a extinção do escuro e as relações de poder que se estabelecem entre humane e a ideia de “selvagem” , explorando o conceito de domesticação. Em Supermercado (2023), investiga a relação valor-arte-tecnologia, pesquisando as relações de poder que se estabelecem entre estes construtos aplicadas ao universo dos nfts (non-fungible- tokens) e introduz a tecnologia na sua relação com o corpo biológico e social.

+ [info:](mailto:info@joana-magalhaes.com) joana-magalhaes.com;

www.plataformauma.com